

Os aspectos linguísticos da tradução à luz dos pressupostos teóricos de Roman Jakobson versus a vertente da tradução da linguística de *corpus*

The linguistics aspects of translation on the light of the theoretical approach of Roman Jakobson versus the translation field of corpus linguistics

Amanda Eloina Scherer *
Carla Callegaro Corrêa Kader **

RESUMO: Este trabalho busca apresentar os aspectos linguísticos da tradução, de acordo com a visão de Roman Jakobson (1995), e estabelecer possíveis relações, por meio de sua contribuição teórica, para a metodologia de trabalho da Linguística de *Corpus*, sob o viés da tradução. Ainda aborda as ferramentas do *WordSmith Tools 3.0* e a sua aplicabilidade na verificação e análise dos Universais de Tradução, segundo Baker (1993). Trata-se de um trabalho de cunho estritamente bibliográfico que investiga e estabelece relações entre aspectos teórico-metodológicos, por meio do seu objeto de estudo, ou seja, a linguagem sob o foco da tradução interlingual, apresentando como resultado a Linguística de *Corpus* como uma nova metodologia de investigação na linguagem. Esta coloca à disposição do analista quantidades de dados antes inacessíveis para pesquisa, análise e verificação da linguagem em uso, em língua materna e estrangeira, partindo de aportes teóricos, tais como Jakobson (1995), Baker (1993), Tagnin (2002, 2004) e Berber Sardinha (2003, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Tradução interlingual. Linguística de *Corpus*. Linguagem e interação.

ABSTRACT: This work aims to present the linguistics aspects of translation, according to the view of Roman Jakobson (1995), and establishes possible relations, by means of the theoretical contribution, for the work methodology of Corpus Linguistics, under the field of translation. It still treats about tools of the WordSmith Tools 3.0 and its

*Doutora em Linguística Semiótica e Comunicação pela Université de Franche-Comté (1992). É professora do Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ppgl@mail.ufsm.br

**Possui graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português Inglês pelo Centro Universitário Franciscano (1989) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2005). É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente, é professora do Instituto Federal Farroupilha, campus de São Vicente do Sul. E-mail: carlackader@gmail.com

applicability in the verification and analysis of Universals of Translation, according to Baker (1993). It is a strictly bibliographic work that investigates and establishes relations between theoretical methodological aspects, by means of its object of study, that is, the language under the focus of the interlingual translation, presenting as a result the Corpus Linguistics as a new methodology of investigation in language. This puts at disposal of the analyst quantities of data previously inaccessible for research, analysis and examination of language in use, in mother and foreign language, from theoretical approaches, such as Jakobson (1995), Baker (1993), Tagnin (2002, 2004) and Berber Sardinha (2003, 2004).

KEYWORDS: Interlingual translation. Corpus Linguistics. Language and interaction.

Introdução

Este texto tratará do posicionamento de Jakobson sobre os aspectos linguísticos da tradução e, por meio deles, se propõe estabelecer uma possível relação com os aspectos metodológicos da Linguística de *Corpus*, voltada para a formação de bancos de dados (*corpus*), para fins de tradução.

Embora pareça um tema que retoma questões da Linguística do século passado, a tradução ainda hoje apresenta desafios: às vezes, se mostra infiel ao texto original e desafia tradutores a buscarem conhecimentos não só sobre a língua meta, saussurianamente falando, mas sobre os aspectos simbólicos e representacionais da língua.

Jakobson abre seu texto sobre *Os aspectos linguísticos da tradução*, alertando o leitor sobre o significado das palavras e seu posicionamento com relação a elas, considerando-as como fato linguístico ou fato semiótico. O autor destaca que o significado da palavra não pode ser inferido de um conhecimento não linguístico ou sem a assistência do código verbal, mas que o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído.

Na sequência, distingue três maneiras de interpretar um signo verbal, a saber: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais. Essa interpretação possibilita a classificação de três espécies de tradução: a tradução intralingual

(que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua), a tradução interlingual (que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua) e a tradução interssemiótica (que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais).

Interessa-nos aqui a tradução interlingual e seus desafios aos tradutores, bem como sua aplicabilidade à Linguística de *Corpus*.

A tradução interlingual na visão de Jakobson

Segundo Jakobson (1995, p. 65), no nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras. Para o autor, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua.

Na sua visão, este tipo de tradução caracteriza-se como uma forma de discurso indireto, no momento que o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte, resultando, desta forma, em um processo de tradução que envolveria duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.

A equivalência na diferença deveria tornar-se, assim, o problema principal da linguagem e a principal preocupação da Linguística. Jakobson (1995) ainda argumenta que nenhum espécime linguístico pode ser interpretado pela ciência da linguagem, sem a tradução dos seus signos em outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema. Para ele, em qualquer comparação de línguas surge a questão da possibilidade de tradução de uma para outra e vice-versa e enfatiza que a prática da tradução interlingual requer atenção constante da ciência linguística.

O autor aponta, em seu artigo, a necessidade urgente e a importância teórica e prática de dicionários bilíngues diferenciais, que definissem cuidadosa

e comparativamente as unidades correspondentes, da mesma forma, que gramáticas diferenciais bilíngues que definissem aproximações e diferenças entre as línguas, referentes ao ato tradutório, do ponto de vista da seleção e da delimitação dos conceitos gramaticais.

Jakobson (1995, p. 67) contraria, assim, o pensamento dogmático de alguns tradutores de que não há possibilidade de tradução, afirmando que “pura e simplesmente qualquer signo pode ser traduzido num outro signo”. Evidencia-se, neste posicionamento, que “a faculdade de falar determinada língua implicaria a faculdade de falar acerca dessa língua” (1995, p 67), uma verdadeira operação metalinguística que permitiria revisar e redefinir o vocabulário empregado.

Na concepção do autor, toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver dificuldades tradutórias, a terminologia poderá fazer empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas ou circunlóquios. E acrescenta que, mesmo na ausência de determinados processos gramaticais, na linguagem para a qual se traduz, há a possibilidade de tradução literal da totalidade da informação conceitual contida no original.

Por este viés, torna-se evidente que, quanto mais rico for o contexto de uma mensagem, mais limitada será a perda de informação. Sendo assim, as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar e não naquilo que podem expressar. Por sua vez, em sua função cognitiva, salienta Jakobson (1995), a língua depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição de nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalinguísticas, “o nível cognitivo da linguagem não só admite, mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução” (JAKOBSON, 1995, p. 70).

Finalizamos esta seção, apresentando um comentário final de Jakobson (1995, p. 70) referente à tradução intra e interlingual, a saber: “a definição semiótica do significado de um símbolo como sendo sua tradução em outros símbolos tem aplicação eficaz no exame linguístico” dessas modalidades de

tradução, e tal abordagem, em sua função cognitiva, depende pouco do sistema gramatical, especificamente porque nossa experiência está numa relação complementar com as operações linguísticas.

A linguística de *corpus* nos estudos de tradução

A Linguística de *Corpus* vem se desenvolvendo e sendo aplicada a diferentes tópicos relacionados à linguagem, utilizando análise lexical, sintática e discursiva para pesquisa e ensino de línguas estrangeiras, tradução, estudos culturais, descrição linguística e várias outras práticas, em uma dada língua ou entre línguas, comparativamente.

De acordo com a definição de Tagnin (2004), um *corpus* é um conjunto de textos em formato eletrônico, compilados segundo critérios específicos, considerados representativos de uma língua (ou da parte que se pretende estudar).

Uma das principais vantagens da pesquisa baseada em *corpus* é a possibilidade de analisar dados empíricos. Como observa Tagnin (2002), o foco concentra-se no uso, medido pela frequência de ocorrências. Podemos nos basear nos dados e não somente em nossas intuições: isso demonstra que a busca em um *corpus* mostrará colocações que estão em uso, ou seja, um *corpus* fornecerá a forma correta e mais recorrente na língua investigada (TAGNIN, 2002).

Os *corpora* vêm sendo utilizados como grandes registros de língua falada e escrita. Vários chegam a ter milhões de palavras de textos literários, textos jornalísticos, transcrições de língua falada e textos especializados. Há também *corpora* de línguas, que procuram ser o mais representativo possível dos diversos tipos de textos, discursos e registros. A partir deles, há a possibilidade de desenvolvimento dos mais diversos trabalhos, desde dicionários de língua, como o *Collins Cobuild English Language Dictionary*, criado em 1987, até ferramentas de redes lexicais, como a *WordNet*.

Na área de tradução, os *corpora* vêm sendo usados para ensino e pesquisa de marcas específicas de textos traduzidos, podemos destacar, nessa área, os estudos realizados por Baker (2000). Segundo Baker (2000), a Linguística de *Corpus* apresenta possibilidades de pesquisa, como, por exemplo: estudo da variação na produção dos tradutores, impacto de determinadas línguas fontes na padronização da língua alvo, impacto do tipo de texto nas estratégias de tradução e vários outros tópicos que são de interesse tanto dos estudiosos de tradução quanto do linguista de *corpus*.

A pesquisa baseada em *corpus* vem contribuindo para as mais diversas áreas de tradução técnica e literária. O *corpus* paralelo *COMPARA*, por exemplo, possui cerca de dois milhões de palavras de textos literários, alinhando os textos originais em língua inglesa e em língua portuguesa às respectivas traduções, e pode ser consultado na *Internet* para observação de questões gramaticais, de estilo, marcas culturais e as diferentes soluções encontradas pelos tradutores das obras, por exemplo. Além dos *corpora* paralelos, que alinham originais e traduções, há também os *corpora* comparáveis, que relacionam textos originais sobre um determinado tema com textos originais em outro idioma, para que seja possível observar as diferenças lexicais, sintáticas, discursivas e pragmáticas em cada contexto original.

Já os *corpora* "descartáveis", definido por Varantola (2002), não precisariam seguir os mesmos critérios rígidos de elaboração e serviriam a fins bem específicos de pesquisa para uma determinada tarefa tradutória, sem a necessidade de serem preservados posteriormente.

Algumas ferramentas de análise de *corpus* concentram-se especialmente na análise sintática, como o *Unitex*, ou na análise lexical, como o *WordSmith Tools*.

Alguns pontos específicos analisados com essas ferramentas são a tradução de fraseologias, colocações e terminologia técnica, por exemplo, que podem ser amplamente beneficiadas pela análise de *corpora* em língua de origem e língua de chegada, contribuindo, assim, para a produção de um texto mais fluente e natural e com terminologia mais precisa.

Entre os itens analisados por essas ferramentas, Berber Sardinha (2004) destaca a observação dos principais *colocados* na prosódia semântica, como um dos aspectos relacionados à tradução que podem ser analisados em *corpora*, por meio da identificação dos itens lexicais equivalentes e das possíveis diferenças de conotação que podem variar de uma língua para outra.

Já Tagnin (2002) focaliza seu estudo na terminologia que conta com recursos tecnológicos para extração e análise de termos por meio das ferramentas otimizadas pela Linguística de *Corpus*.

Por sua vez, encerramos esta seção, salientando a interface dos estudos da tradução com a Linguística de *Corpus*, um novo universo de pesquisas que tem se aberto com o desenvolvimento de ferramentas eletrônicas e o tratamento computacional da língua, com diferentes finalidades e aplicações. O alcance e o impacto dessa perspectiva evidenciam-se também na área da tradução pela quantidade de pesquisas e publicações que utilizam esses recursos e metodologias adequadas para pesquisas em *corpus*.

Na próxima seção, abordaremos as relações entre a tradução, os estudos de Jakobson e a Linguística de *Corpus* (LC).

A linguística de *corpus* e os estudos de Jakobson: diferenças e similitudes

Os *corpora* possibilitam ao tradutor perceber e aprender a lidar com probabilidades que, na verdade, já estão internalizadas pelos usuários de uma língua, situação que apresenta similaridade com o posicionamento de Jakobson (1995), quando apresenta a divisão tripartite da tradução, e mais especificamente quando desenvolve o conceito de tradução interlingual (que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua).

Aqui podemos destacar as palavras de Jakobson (1995, p. 64) de que “para o linguista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo”. E quanto ao registro dessas probabilidades de uso linguístico, Berber Sardinha (2003) afirma

que os *corpora* apenas registram o resultado cumulativo dessas probabilidades, e os modos como elas se manifestam e podem ser pesquisadas, oferecendo dados elucidativos tanto para o tradutor como para o pesquisador na área da tradução.

Sob esse aspecto, a Linguística de *Corpus* tem mostrado que a intuição humana é bastante inexata; e também tem contribuído para que questões controversas a respeito do conceito de equivalência e do papel da intuição passem a ser repensadas a partir de evidências levantadas, em investigações de traduções baseadas em *corpora*.

Tradicionalmente, a identificação da rede de equivalentes na tradução teria de apoiar-se na intuição e na experiência prévia do tradutor; por outro lado, a utilização de um *corpus* de tradução permite verificar o uso real de equivalentes empregados pelos tradutores. Tognini-Bonelli (2001) enfatiza que, com a evidência possibilitada pelo uso de *corpus*, e com uma metodologia para identificar sistematicamente o perfil lexical e gramatical relevantes de uma palavra ou expressão e relacioná-los ao peso conotativo e à função pragmática, esta abordagem reduziria a lacuna existente entre traduzir de e para a própria língua materna. Nesse aspecto, os *corpora* têm mais a oferecer aos tradutores do que se imagina, pois fornecem evidências de como as palavras são empregadas, dados numéricos de como é traduzido um dado termo ou segmento textual, além de abrir outras perspectivas sobre o processo e a natureza da tradução.

Em consequência do uso de *corpora*, vão emergir novas ideias a respeito da linguagem e concepções antigas precisarão ser reavaliadas.

Desse modo, os estudos da tradução baseados em *corpus* têm contribuído, de forma dinâmica, para os estudos da tradução como um todo, uma vez que os dados podem ser distribuídos e manipulados de vários modos, por meio de métodos e técnicas diferentes de processamento da Linguística de *Corpus*, a saber: utilização de listas de palavras, palavras-chave e concordâncias, que permitem ao analista observar ocorrências, compará-las, aceitar ou refutar hipóteses.

Retomando o problema da equivalência na diferença como a questão principal da linguagem e como preocupação da Linguística, trazemos para a discussão a visão de Jakobson (1995) sobre o significado na tradução como fato linguístico e semiótico. Esta problemática seria provavelmente resolvida pela LC, no tocante à utilização de dados empíricos e pelas frequências de uso em linguagem natural. O tradutor utilizaria o banco de dados para verificação da melhor versão, e por meio de dados numéricos referentes à frequência de uso dos termos ou expressões desejadas, chegaria à melhor tradução na língua alvo.

Tagnin (2002) reforça que o tradutor que recorre apenas a fontes de referência convencionais pode acabar empregando um termo possível, porém não recorrente. Já um *corpus* comparável, composto de textos originalmente escritos nas duas línguas, inglês e português, no caso em questão, forneceria o termo efetivamente usado por aquela comunidade. Em outras palavras, o *corpus* forneceria o termo mais provável de ocorrer no contexto que o tradutor estivesse pesquisando, ou seja, o termo mais recorrente.

Quanto a isso, Jakobson (1995) já previa a urgência de dicionários bilíngues e gramáticas diferenciais bilíngues, a fim de proporcionar ao tradutor um leque de opções maior para o evento tradutório.

Com referência ao escopo da tradução, Jakobson afirma que o linguista se comporta como intérprete das mensagens e que as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar e não no que podem expressar, já que, em sua função cognitiva a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, pois a definição de nossa experiência está numa relação complementar com operações metalinguísticas. Tal afirmação esclarece-nos que a faculdade de falar determinada língua implica na faculdade de falar acerca dela, ou seja, a operação metalinguística permite ao tradutor revisar e redefinir o vocabulário empregado. Consequentemente, toda experiência cognitiva poderia ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houvesse uma deficiência, a terminologia poderia ser modificada por

empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios.

Em contrapartida, Tagnin (2002) ressalta que, mesmo como falante nativo da língua alvo, o tradutor pode ter problemas no nível da produção para conseguir soluções naturais, caso se atenha tanto ao texto de partida a ponto de não perceber que, entre formas igualmente gramaticais, uma delas é de uso mais corrente. Em outras palavras, pode não se dar conta de que, dentro de uma gama de formas gramaticalmente possíveis, há certas formas que têm uma probabilidade maior de ocorrerem.

Podemos, assim, estabelecer diferenças no posicionamento dos autores, pois Jakobson (1995) corrobora com aspectos teóricos da tradução, enfatizando o sentido da palavra, da sentença e do texto, enquanto Tagnin (2002) busca na tradução não só uma correspondência no sentido, mas também nas formas gramaticais.

Baker (1993) afirma que a tradução, enquanto espaço diferencial, deve ser privilegiada na cultura de chegada, e considera-a como objeto de estudo *per se*, e elege, como quadro metodológico para pesquisa, a abordagem da Linguística de *Corpus*. Nesse sentido, Baker destaca que “a tarefa mais importante que aguarda a aplicação das técnicas de *corpus* nos estudos da tradução [...] é a elucidação da natureza do texto traduzido como um evento comunicativo mediado” (BAKER, 1993, p. 243).

Neste sentido, faz-se uma aproximação aos estudos ocorridos no campo da Linguística a partir do começo do século XX, e destaca-se Mounin (1963) e Jakobson (1995) como pioneiros na discussão sobre a tradução do ponto de vista dos estudos linguísticos, especialmente da perspectiva estruturalista.

Os modelos de descrição dos componentes da comunicação verbal de Jakobson – emissor, receptor, canal, código, referente e mensagem – e respectivas funções da linguagem (emotiva, conativa, fática, metalinguística, referencial e poética), bem como sua divisão tripartite dos tipos de “tradução” (em seu sentido lato) – intralingual (ou paráfrase), interlingual (tradução propriamente) e interssemiótica (ou transmutação, de um sistema de

significação a outro) -, são usados ainda hoje por muitos modelos teóricos da tradução.

A exemplo do que ocorreu em vários campos do saber, o Estruturalismo e outras abordagens teóricas, como o Funcionalismo, o Gerativismo e o Cognitivismo, influenciaram os estudos linguísticos como um todo, e os efeitos disso se fizeram sentir também nos estudos da tradução. Uma visão mais empírica do fenômeno tradutório contribuiu para o estabelecimento definitivo dos Estudos da Tradução como disciplina, na medida em que possibilitou a adoção de metodologias de pesquisa descritivas, baseadas na observação, especialmente do texto traduzido.

Esse diálogo entre os pressupostos teóricos de Jakobson (1995), referentes à tradução, e a metodologia de trabalho da Linguística de *Corpus*, faz-se possível no que concerne às possibilidades de tradução, às dificuldades do tradutor em buscar a melhor expressão na língua meta, ao uso da metalinguagem e especificamente na forma como a linguística de *corpus* opera, ou seja, por meio de banco de dados, com colocações que estão em uso, ou seja, a forma mais usual na língua sob investigação (TAGNIN, 2002).

A seguir, discorreremos sobre os recursos do programa *WordSmith Tools* 3.0, que podem favorecer o trabalho do tradutor na busca da melhor tradução nos *corpora online*.

***WordSmith tools* 3.0 e suas ferramentas na abordagem dos universais de tradução**

O *WordSmith Tools* é um dos vários *software* que existem para auxiliar o linguista de *corpus*. Caracteriza-se por ser um conjunto de programas integrados (*suíte*) destinado à análise linguística, mais especificamente, esse *software* faz análises baseadas na frequência e coocorrência de palavras em *corpora*.

Ele permite pré-processar os arquivos do *corpus* (retirar partes indesejadas de cada texto, organizar o conjunto de arquivos, inserir e remover etiquetas, entre outros), antes da análise propriamente dita.

O programa foi criado em 1996 por Mike Scott, da Universidade de Liverpool, Reino Unido e atualmente possui um grande número de usuários brasileiros que, por meio dos estudos desse pesquisador, tornaram-se divulgadores da Linguística de *Corpus* no Brasil.

A versão que enfocamos aqui é a 3.0, por ser a mais usada e mais estável, pois as versões seguintes incorporam alguns instrumentos novos e maior capacidade de processamento de *corpus*, mas exigem mais capacidade de *hardware* e podem ser menos estáveis.

Os programas principais (*WordList*, *KeyWords* e *Concord*) permanecem os mesmos nas diferentes versões e servem aos mesmos propósitos.

A intenção do programa é servir como uma ferramenta que permita a consecução de tarefas relacionadas a análises de *corpora*.

Segundo Tagnin (2002), esses textos são compilados de forma criteriosa, a partir de objetivos da tradução, formando o que se denomina um *corpus*. No caso da tradução, são dois os tipos de *corpora* mais úteis: o paralelo, constituído de originais e respectivas traduções, e o comparável, composto de textos similares, originais, nas duas línguas de trabalho do tradutor. Qualquer um deles pode ser explorado com ferramentas eletrônicas, fornecendo um grande número de dados a partir dos quais o tradutor pode selecionar o termo ou expressão mais adequada ao seu contexto.

Quando se fala em encontrar equivalentes tradutórios num *corpus*, pensa-se, em geral, em *corpora* paralelos (FRANKENBERG-GARCIA, 2002a, 2002b, 2006). Embora isso, na maioria das vezes, não seja um procedimento possível devido à escassez de recursos desse tipo, em especial de *corpora* paralelos nas áreas técnicas, o tradutor pode recorrer aos *corpora* comparáveis, ou seja, *corpora* bilíngues, constituídos de textos sobre os mesmos assuntos, de gênero, tipologia, extensão e data de publicação comparáveis.

Nessa seção, interessa-nos apresentar o programa para investigação de questões relacionadas aos estudos da tradução, mais especificamente a questão dos Universais de Tradução, que são hipóteses lançadas por Baker (1993) a respeito de tendências de larga escala passíveis de observação em textos traduzidos.

Para tanto, listaremos os Universais de Tradução propostos por Baker (1993): simplificação, explicitação, normalização e estabilização. Desses quatro universais, trataremos brevemente dos três primeiros, pois o quarto, estabilização, requer comparação entre vários *corpora* de textos traduzidos e entre vários *corpora* de textos originais, o que foge do escopo deste trabalho.

Então, quanto ao recurso da simplificação, teremos a revelação de dois modos diferentes, a saber: maior número de períodos nos textos traduzidos em relação aos originais, indicando que frases longas do texto original foram quebradas ou eliminadas no texto traduzido e/ou a relação forma/item (*type/token*) mais baixa nos textos traduzidos, indicando um maior número de repetição do mesmo léxico no texto traduzido em comparação ao original. A relação forma/item, por sua vez, pode ser calculada pela divisão do número de formas (*types*) pelo número de itens (*tokens*). Para verificar essas hipóteses, precisamos retirar dos dois *corpora* o número de frases e a relação *forma/item*.

Na explicitação, há três itens importantes, são eles: o tamanho dos textos traduzidos (o texto traduzido é maior que o texto original, fruto de tentativas do tradutor em explicar conceitos e referências culturais, presença da metalinguagem já explicada por Jakobson (1995), em seção anterior), o maior número de formas (*types*) no texto traduzido em comparação ao original. Um aumento do tamanho do vocabulário, no texto traduzido, pode ser indício de explicitação, na medida em que o tradutor precisa de mais palavras diferentes para explicitar conceitos e referências culturais, por exemplo (conforme já explicitado na seção sobre os estudos da tradução de Jakobson (1995), com referência à metalinguagem). E a terceira questão referente ao maior número de conjunções e locuções adjetivas no texto traduzido, com objetivo de explicar conceitos e aspectos culturais. Para investigar esses pontos, precisamos retirar

de cada *corpus*, respectivamente: o número de itens (*tokens*), o número de formas (*types*) e o número de conjunções.

A normalização, ao contrário dos universais anteriores, não apresenta uma medida quantitativa que indique a sua presença ou não nos textos traduzidos. Por isso, precisamos enfocar aspectos específicos do texto para empreender um estudo de cunho mais qualitativo. Tendo o vocabulário em realce, podemos supor que uma possível marca de normalização nos textos pode ser o uso de um vocabulário menos variado. Ao suprimir palavras anormais do texto original e substituí-las por outras mais gerais, por exemplo, o tradutor estaria modificando o estilo do texto traduzido e, portanto, normalizando-o. Contudo, uma comparação baseada no número de *types* pode ser problemática porque o português e o inglês possuem morfologias diferentes; dessa forma, se quisermos saber se houve normalização do vocabulário, precisamos nos deter às classes específicas de palavras e observar o uso de cada palavra em si.

A adequação do *WordSmith Tools* como ferramenta para pesquisa em tradução mostra-se mais produtiva para investigar aspectos quantitativos dos *corpora*, tais como os necessários para pesquisar os universais de simplificação e explicitação, pois já traz prontas as contagens de formas e itens do *corpus*. Já na investigação de aspectos qualitativos, como os exigidos na pesquisa de normalização, ele se mostra menos adequado, pois não possui recursos eficientes de alinhamento de *corpora* nem de concordanciamento paralelo (BERBER SARDINHA, 2009).

Conclusão

Este trabalho possibilitou uma investigação que retoma aspectos linguísticos da tradução pertencentes ao século XX e a verificação de que, de lá para cá, novos pressupostos teóricos e metodológicos se agregaram às teorias de estudiosos como Jakobson, por exemplo.

Em se tratando da Linguística de *Corpus*, especificamente, pode-se perceber relações possíveis entre o que Jakobson (1995) considerava primordial na tradução interlingual, como, por exemplo, a afirmação de que, em qualquer comparação de línguas, surge a questão da possibilidade de tradução de uma para outra e vice-versa.

A ênfase na experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente, mas, no caso de dificuldades tradutórias, reconsidera o autor, a terminologia poderá fazer empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas ou circunlóquios.

Além da complementação do autor, com a afirmação de que o uso das operações metalinguísticas, ou seja, a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, torna-se mais relevante e depende muito pouco do sistema gramatical, opondo-se, assim, a pesquisas de Tagnin (2002), referentes às formas gramaticais na tradução, utilizando *corpora*.

Os *corpora*, nesse aspecto, auxiliam os tradutores, oferecendo, em seus bancos de dados, um conjunto de textos, de informações a marcar/classificar nesses textos, e uma interface que permita consultar os dois primeiros.

Quanto à ausência de categorias gramaticais em uma dada língua, Jakobson (1995, p. 68) observa que "seu sentido pode ser traduzido nessa língua com a ajuda de meios lexicais", aqui podemos estabelecer um elo com os recursos da LC que oferecem ao tradutor um banco de dados significativo para escolha da melhor expressão na língua alvo.

Nesse quesito, chamamos a atenção da ferramenta do programa *WordSmith Tools*, mais usada por tradutores, a saber: o *Concord*, pois com ela o tradutor poderá encontrar todas as ocorrências em uma busca de uma palavra.

Em relação aos Universais de Tradução e a possibilidade de análise via programa *WordSmith Tools 3.0*, destaca-se que o *software* é mais produtor para investigar aspectos quantitativos dos *corpora*, pois já apresenta prontas as contagens de formas e itens do *corpus*. Já na investigação de aspectos qualitativos, ele se mostra menos adequado, pois não possui recursos eficientes

de alinhamento de *corpora* nem de concordanciamento paralelo (BERBER SARDINHA, 2009).

Porém, deve-se enfatizar que o *WordSmith Tools* se propõe a ser uma ferramenta geral para pesquisa em *corpora* e não um conjunto de utilitários específicos para uma determinada área. O fato de ele não contemplar completamente a pesquisa em tradução com *corpora paralelos* e alinhados não chega a ser uma falha, pois o pesquisador da tradução pode completar os recursos com ferramentas gratuitas de outros programas disponíveis na *internet*.

Os tradutores, normalmente, consultam textos paralelos na língua meta, impressos ou *online*, para pesquisarem sobre terminologia ou procurarem por expressões idiomáticas; todavia a consulta a *corpus* ou *corpora*, por meio de ferramentas de análise, oportuniza ao tradutor maior rapidez e segurança na escolha de colocados, em função da listagem das linhas de concordância e da frequência que a palavra procurada aparece no *corpus* de referência.

Portanto, podemos finalizar esta reflexão afirmando que as contribuições de Jakobson (1995), Baker (1993), Tagnin (2002, 2004) e Berber Sardinha (2009) foram fundamentais para a tradução e para o seu desenvolvimento enquanto disciplina, e não menos importante para o desenvolvimento de novas metodologias aplicadas à Linguística, entre elas, a LC e suas ferramentas de trabalho.

Referências

BAKER, Mona (1993). *Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications*. In: *Text and Technology*. In Honour of John Sinclair. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

BAKER, Mona. *Corpus linguistics and translation studies: implications and applications*. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

BAKER, Mona. *Towards a methodology for investigating the style of a literary translator*. *Target*. v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

BERBER SARDINHA, Antônio Paulo. Uso de corpora na formação de tradutores. *D.E.L.T.A.* 19: Especial, p. 43-70. 2003.

BERBER SARDINHA, Antônio Paulo. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA, Antônio Paulo. *Pesquisa em linguística de corpus com wordsmith tools*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana. Using a parallel corpus to examine English and Portuguese translations. In: *Translation (Studies): a crossroads of disciplines*, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 14-15 novembro 2002, 2002a.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana. COMPARA, language learning and translation training. In MAIA, B, HALLER, J.; ULRICH, M. (eds.) *Training the Language Service Provider for the New Millennium*. Porto: FLUP, p. 187-198, 2002b.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana. Using a parallel corpus in translation practice and research. In: Actas da *Contrapor 2006*, I Conferência de Tradução Portuguesa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, p. 142-148, 2006.

JAKOBSON, Roman. Os aspectos linguísticos da tradução. 20.ed. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MOUNIN, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.

TAGNIN, Stella. Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: *Cadernos de Tradução*, IX. Florianópolis: UFSC, 2002. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/stella.htm>. Acesso em: 23 de junho de 2011.

TAGNIN, Stella. *Corpora: o que são e para quê servem*. (2004) Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet>. Acesso em: 23 de junho de 2011.

TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

VARANTOLA, Krista. (2002). Disposable corpora as Intelligent Tools in Translation. In: *Cadernos de Tradução*, IX. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/krista.htm>. Acesso em: 23 de junho de 2011.

Enviado em julho de 2011.

Aceito em junho de 2012.